

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas Class.: 65

Data: 25/09/86 Pg.: _____

Xacriabás e posseiros começam guerra com um vaqueiro morto e outro ferido

A guerra entre posseiros e remanescentes da tribo Xacriabá estourou ontem na reserva indígena de Itacarambi, a 720 quilômetros de Belo Horizonte, no Norte de Minas. Um vaqueiro morreu e outro está internado no Hospital de Manga, após conflitos ocorridos durante a madrugada. O delegado de Itacarambi, Antônio Reis, disse ao ESTADO DE MINAS que a situação na região é crítica. "Acredito que devem existir pelos menos mais cinco vítimas fatais", admite ele.

Apesar de ter comunicado o incidente ao delegado regional de Montes Claros, Aluizio Souto, informando sobre a possibilidade de um confronto armado com graves consequências, o policial disse que se tornou impossível controlar o conflito, e solicitou a imediata intervenção da Polícia Federal na área. Segundo o delegado Reis, "os remanescentes xacriabás, orientados por funcionários da Funai, já quebraram e saquearam mais de 12 casas de posseiros, além de destruírem, completamente, uma ponte que liga Itacarambi à cidade de Manga".

A notícia dos primeiros incidentes espalhou-se rapidamente pelos 64 mil hectares de terra pertencentes à reserva, divididos entre 400 famílias de posseiros e índios. Ontem, um representante da Câmara Municipal de Itacarambi informou que 95 famílias de posseiros, assustadas com a violência dos xacriabás, resolveram fugir de suas casas, embrehando-se nas matas da região. Acredita-se que mais de 470 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, estão se refugiando nos matagais.

Os posseiros e fazendeiros, de acordo com habitantes de Itacarambi, estão se armando para resistir às investidas dos remanescentes xacriabás. Segundo o próprio delegado, "ha, entre índios e posseiro até crianças com revólveres. Nós da Polícia Civil não podemos entrar na reserva, pois trata-se de um local sob controle da Polícia Federal."

A primeira vítima fatal do conflito é o vaqueiro Francisco Alves Quezado.

Com ferimentos graves e internado no Hospital de Manga está um outro empregado da fazenda de Amaro Ribeiro Sobrinho, Afonso Gomes da Silva, Segundo o delegado Reis, "os remanescentes, conduzidos por um funcionários da Funai, conhecido por Adão, e ocupando uma camionete Toyota, atearam fogo na casa onde estavam os dois vaqueiros, matando Francisco a tiro".

Conflito de terra

Os 64 mil hectares de terra são disputados por várias famílias. A reserva pertence aos xacriabás e está cadastrada pela Funai. A origem dos conflitos está neste cadastramento, além de algumas poucas invasões. O problema se restringe à disputa entre famílias remanescentes cadastradas, as não-cadastradas e os que foram cadastrados pelo Funai, mas não são índios.

De acordo com um levantamento do Conselho Indigenista Missionário — o Cimi — desde 1969 a área é invadida por posseiros. Na época, a Ruralminas iniciou um projeto no município, estimulando, de certa forma, as invasões. Os confrontos foram acirrados na década de 70.

Em 1982, quatro remanescentes xacriabás foram chacinados na aldeia Sapé. Uma das vítimas foi uma mulher grávida e um outro índio ficou paralisado.

Em 1984, o juiz federal Euclides Aguiar, após constatar a prática de grilagem envolvendo o ex-prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula, concedeu liminar aos índios, reintegrando-os em suas terras. Apesar da decisão judicial, em dezembro de 1985 o fazendeiro Gonçalo dos Santos e mais de 30 jagunços saquearam a fazenda Sapé, destruindo três casa de índios, suas lavouras e matando o gado. O juiz para garantir a liminar, determinou a intervenção da Polícia Federal, na reserva.

Em maio deste ano, o representante do Cimi, Fábio Alves, alertava as au-

toridades para a situação de "extrema tensão" no local. Segundo ele, 4 mil índios e remanescentes xacriabás estavam dispostos a defender a propriedade da terra, cuja demarcação fora decretada em 1979.

Índios reagem

"A situação atual na reserva de Itacarambi é gravíssima" — ressaltou o delegado Antônio Reis. "Os índios estão expulsando posseiros e grileiros de suas terras, utilizando para isso porretes, pedaços de paus pontudos, ferramentas agrícolas e até armas de fogo. Crianças xacriabás também foram armadas para enfrentar os posseiros. O confronto iniciado segunda-feira é incontrolável".

Alarmado com a dimensão do problema, ele comunicou-se com o delegado regional Aluizio Couto. Nenhuma providência, entretanto, chegou a ser tomada, pois a situação da região ainda será avaliada, segundo uma fonte da Secretaria de Segurança Pública. Como as polícias Civil e Militar não podem atuar na reserva sem uma autorização federal, o conflito continua sem solução.

A Polícia Federal em Minas Gerais também está de braços cruzados. A Assessoria de Comunicação do DPF-MG desconhecia até à tarde de ontem qualquer notícia sobre os conflitos na reserva de Itacarambi.

O delegado de Itacarambi, apreensivo com a possibilidade de derramamento de sangue nas próximas horas, continua aguardando reforços, impossibilitado de tomar qualquer medida contra a violência com o reduzido grupo de apenas quatro militares sob seu comando. Apesar de ter apenas uma vítima fatal registrada na sua delegacia em decorrência do conflito, ele acredita que existem mais quatro ou cinco mortos: "Ainda não pude entrar na reserva. Porém tenho quase certeza de que há mais mortos. Estas vítimas devem estar nas matas. A guerra já estourou e muitas mortes ainda deverão ocorrer".

Funai procura uma solução

BRASÍLIA (Sucursal) — Um representante da Funai deverá seguir ainda hoje para Januária, onde manterá contatos com o juiz de Direito e o promotor público daquela Comarca, tentando encontrar uma solução para o conflito entre os índios xacriabás e posseiros na reserva indígena de Itacarambi.

Segundo o assessor da presidência da Funai em Brasília, Wagner Luiz Vieira, a fundação tem procurado conseguir com o governo mineiro um reassentamento dos posseiros em outra região, o que colocaria um ponto final no conflito, mas a solução ainda não foi encontrada.

Prevedendo que os problemas se transformaram em um conflito com graves consequências, como está acontecendo agora, a Funai e a Polícia Federal reali-

zaram na época um trabalho de desarmamento na região disputada pelos índios e posseiros, mas os conflitos continuaram. Ainda em maio, Alfredo Ferreira Leite, conhecido como "Alfredão", matou um índio e reacendeu a revolta na tribo. O problema cresce de intensidade, segundo Wagner Luiz Vieira, porque os índios "são imediatistas e não concordam que o inquérito para apurar o assassinato ocorrido em 13 de maio demore tanto".

Segundo a Funai, há 20 dias o mesmo Alfredo Ferreira Leite agrediu um outro índio e voltou a fazer ameaças. Temendo a reedição do crime ocorrido em maio, os índios se armaram e foram ao encontro de "Alfredão" e de outros posseiros, baleando dois deles.